

## O significado da fórmula “por causa de Cristo”

### Uma abordagem sobre a experiência da justificação a partir da Confissão de Augsburg-IV

Euler Renato Westphal

**Resumo:** A Igreja, ao longo dos séculos, correu o risco de colocar temas derivados da cristologia no lugar da pessoa de Jesus Cristo e não reconhecer devidamente o que é central e o que não é. A intenção deste estudo é mostrar que a CA aponta para o que é central para a vida da Igreja, que o consolo e a radicalidade da graça pressupõem a doutrina das duas Naturezas de Cristo. A fórmula “por causa de Cristo” aponta para a experiência da justificação, pois na morte vicária do Deus-Filho fomos aceitos de forma incondicional. Nesse contexto, a Igreja cristã tem uma tarefa ímpar, que é a proclamação do amor de Deus, que se fez gente e que amou incondicionalmente homens e mulheres, fracos e fortes, cristãos e pagãos, desde que o “por causa de Cristo” seja recebido por meio da fé.

**Resumen:** La Iglesia, a lo largo de los siglos, corrió el riesgo de colocar temas derivados de la cristología en el lugar de la persona de Jesús Cristo, no reconociendo debidamente aquello que es central y aquello que no lo es. La intención de este estudio es demostrar que la CA apunta hacia lo que es central para la vida de la Iglesia, que el consuelo y la radicalidad de la gracia presupone la doctrina de las dos Naturalezas de Cristo. La fórmula “Por causa de Cristo” apunta para la experiencia de la justificación, pues en la muerte vicaria del Dios-Hijo fuimos aceptados de manera incondicional. En ese contexto la iglesia cristiana tienen una tarea ímpar, que es la proclamación del amor de Dios, que se hizo ser humano y que amó incondicionalmente a hombres y mujeres, débiles y fuertes, cristianos y paganos, desde que el “por causa de Cristo” sea recibido por medio de la fe.

**Abstract:** The Church, throughout the centuries, has taken the chance of putting forth themes derived from Christology in the place of the person of Jesus Christ and has not duly recognized what is central and what is not. This study intends to show that the CA points to what is central to the life of the Church, and that the consolation and the radicalism of grace presupposes the doctrine of the two Natures of Christ. The formula “For Christ’s sake” points to the experience of justification, because we were accepted unconditionally through the vicarious death of the God-Son. In this context the Christian church has a unique task which is to proclaim God’s love, which became human and which loved men and women, weak and strong, Christians and pagans unconditionally, as long as “for Christ’s sake” is received through faith.

A pergunta pelo significado da fórmula “por causa de Cristo”, contida nos Escritos Confessionais, é fundamental para a pregação, a poimênica e a vida da Igreja luterana como um todo. Uma das características da pós-modernidade é a de diluir os universais e priorizar as experiências particulares<sup>1</sup>. Nesse contexto, não há muito espaço para enunciados dogmáticos e documentos normativos. Entendemos que a pós-modernidade nos coloca diante de possibilidades e desafios extraordinários, mas, ao mesmo tempo, ela contém alguns perigos para a Igreja. Possibilidades e riscos estão muito próximos e não se excluem, pelo contrário, se interpenetram e também se confundem. Aquilo que é risco pode ser a grande chance; por outro lado, as possibilidades apresentadas em uma determinada época da história também encerram riscos. Longe de nós ver o nosso contexto histórico e culturalmente plural por uma lente maniqueísta!

Em relação ao nosso tema, a fórmula em questão expressa um universal que precisa ser ouvido e considerado em um contexto no qual as verdades particulares se impõem sobre as verdades universais. Na Igreja, também corremos o risco de as experiências particulares e individuais anularem, relativizarem e/ou superarem enunciados doutrinários, que historicamente mantiveram a vida da Igreja. A Igreja sempre correu o risco de colocar temas derivados da cristologia no lugar da pessoa de Jesus Cristo e não reconhecer devidamente o que é central e o que não é, confundindo, muitas vezes, o centro da fé cristã e questões periféricas, ou seja, não distinguindo suficiente e devidamente entre *norma normans* e *norma normata*. Além disso, há o risco de as experiências humanas serem alçadas a uma posição que toma o lugar de Cristo, ofuscando e diminuindo a obra salvífica do Deus crucificado. Portanto, qual a relevância do enunciado “por causa de Cristo” para a realidade das nossas comunidades que vivem no contexto da pluralidade religiosa e da experiência individual e particularizada? Primeiramente iremos ater-nos ao significado do texto na época em que foi escrito. Posteriormente apresentaremos algumas reflexões histórico-sistemáticas, com implicações para a pregação e a poimênica, embora essas questões não sejam abordadas explicitamente. De qualquer forma, a expressão “por causa de Cristo” nos remete ao coração, ao núcleo, da teologia da Reforma Luterana.

---

<sup>1</sup> Lyotard utiliza a linguagem bélica para convocar a um esforço missionário, dizendo: “Guerra à totalidade, testemunhamos aquilo que não é representativo, ativaremos as diferenças, salvemos as diferenças, salvemos a honra do nome.” Jean François LYOTARD, *Das postmoderne Wissen*, 3. ed., Wien/Köln: Passagen, 1994, p. 48.

## 1 - A experiência concreta da fé em Jesus Cristo

Observe-se que a afirmação da CA IV, expressa pela fórmula *propter Christum per fidem*, é o centro da doutrina da justificação postulada por Lutero e reescrita e reafirmada por Philipp Melancthon na Apologia da Confissão de Augsburg (publicada no fim de maio de 1531). A fórmula “por causa de Cristo” nos remete aos símbolos ecumênicos fundamentais da Igreja Antiga, especialmente ao Niceno-Constantinopolitano e o Atanasiano. A *Confessio Augustana* não quer apresentar uma nova teologia. Aliás, naquele momento (25 de junho de 1530), o novo era tido, no mínimo, como suspeito<sup>2</sup>. Nesse sentido, é necessário ver qual a compreensão de cristologia que está por detrás da afirmação da referida fórmula. Em um primeiro momento, situamos a cristologia na sua afirmação sobre as duas naturezas de Jesus Cristo e no seu contexto trinitário, afirmado nos credos da Igreja Antiga<sup>3</sup>.

Isso está expresso no Artigo 3 da CA, que reza: “ensina-se, além disso, que Deus se fez homem, nascido da pura Virgem Maria, e que as duas naturezas, a divina e a humana, inseparavelmente unidas em uma única pessoa, são um só Cristo, que é verdadeiro Deus e verdadeiro homem”<sup>4</sup>. Observe-se que as duas naturezas são afirmadas na sua totalidade. Nesse contexto, não se fala da pregação, da vida de Jesus Cristo, mas há uma concentração no sofrimento e na morte de Cristo com o propósito “de ser oblação, não

---

2 A Teologia medieval condenava a Reforma, porque esta ensinava que a remissão de pecados não acontecia em função dos méritos e das virtudes humanas, mas “por causa de Cristo”. Esse é o ponto de partida para a discussão do Artigo IV. No decreto sobre a justificação, o Concílio de Trento dizia que “quem diz que o ímpio é salvo somente por meio da fé, seja anátema.” Heinrich DENZINGER, *Enchiridion symbolorum definitionum et declarationum de rebus fidei et morum*: [Kompendium der Glaubensbekenntnisse und kirchlichen Lehrentscheidungen], 37. ed. rev. e ampl., Freiburg im Breisgau: Herder, 1991. 1559.

3 Peter BRUNNER. *Pro Ecclesia*: Gesammelte Aufsätze zur dogmatischen Theologie, 3. ed., Fürth: Flacius, 1990, v. 1, p. 49. – Edmund SCHLINK, *Theologie der lutherischen Bekenntnisschriften*. 3. ed., München: Kaiser, 1948, p. 123. – O Artigo IV pressupõe o artigo III, que fala da pessoa e obra de Cristo. É interessante que a Confissão define e explica mais do que a Apologia da Confissão. Isso significa que a justificação do pecador está diretamente ligada a confissão das duas naturezas e da obra do Deus-Homem Jesus Cristo, tanto que é impossível falar da justificação do pecador sem a afirmação clara do *homoousios* do Credo Niceno e da Trindade do Símbolo Atanasiano. Entretanto, o Credo Niceno, na sua definição das duas naturezas, é trinitário por excelência. Nesse sentido, o consolo e a radicalidade da graça pressupõem a doutrina das duas Naturezas. A cristologia é o centro do Artigo IV e, por que não dizer, de toda a Confissão de Augsburg. Consideramos que o Artigo IV não pode ser lido sem o Artigo III, o que veremos depois com mais cuidado.

4 Artigo III,1 - 2: Do Filho de Deus, Confissão de Augsburg, *Livro de Concórdia*: As confissões da Igreja Evangélica Luterana, 4. ed., São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1993, p. 30.

só pelo pecado hereditário, mas ainda por todos os outros pecados, e para aplacar a ira de Deus”<sup>5</sup>.

Nesse sentido, a Fórmula de Concórdia (FC) diz que “Deus é homem e o homem é Deus” *realiter*, isto é, homem e Deus “de fato e de verdade”. Segundo a FC, “o que não poderia ser se a natureza divina e a humana não tivessem comunhão uma com a outra de fato e de verdade”<sup>6</sup>. Na Epítome – VIII, Da Pessoa de Cristo, afirma-se a *communicatio idiomatum*, a verdadeira comunhão das duas naturezas de Cristo. De início, é importante considerar que a preocupação cristológica traduz uma preocupação com a experiência da viva fé do cristão em Jesus Cristo<sup>7</sup>. Nesse sentido, a referida Epítome se reporta ao escrito de Lutero *Dos Concílios e da Igreja*<sup>8</sup> apresentando a doutrina pura luterana nos seguintes termos: “Também não se muda nenhuma natureza na outra, mas Cristo permanece, por toda a eternidade, Deus e homem em uma pessoa indivisa, o que é, depois da santíssima Trindade, conforme testifica o apóstolo”<sup>9</sup>. Na verdade, a CA III, 2 repete o Calcedonense de 451.

Ao falar do *propter Christum*, a Confissão se refere à doutrina das duas naturezas dos símbolos da Igreja Antiga. Assim, o acesso ao coração de Deus somente é proporcionado pelos benefícios de Cristo, revelados na encarnação e na obediência<sup>10</sup>.

Nesse aspecto, precisamos atentar para o fato de que se trata da obe-

---

5 Observe-se que o conteúdo central está resumido na afirmação do Artigo III, 2, 3 e 5, sem contudo esquecer as obras do Filho por meio do Espírito Santo, que são “santificar, purificar, consolar a quantos nele crêem”. Ele é o Senhor sobre toda a criação (Artigo III, 4).

6 Epítome – VIII. Da Pessoa de Cristo. Fórmula de Concórdia. *Livro de Concórdia*, p. 525.

7 Neste processo, é fundamental ver que, entre os atributos divinos e os humanos de Jesus, há a *communicatio idiomatum*. Ele é todo humano e todo Deus. Encontramos essa realidade na vida, no sofrimento, na morte e cruz de Jesus Cristo. A densificação desta realidade está na cruz, porque a revelação de Deus aconteceu *sub contrario*, na fraqueza e no sofrimento. Para Lutero, Jesus é tão humano que Maria amamentou Deus nos seus seios, deu banho em Deus, embalou e carregou Deus, e Pilatos e Herodes mataram Deus. Temos então esta maravilhosa troca, o admirável comércio, entre Deus e o ser humano; Deus assumiu a morte humana para dar vida, e ele tomou a tolice e se fez sabedoria, ele tomou o pecado e nos fez justos. Carl BRAATEN, A pessoa de Jesus Cristo, in: *Dogmática Cristã*, São Leopoldo: Sinodal, 1990, v. 1, p. 516-19. – Walter ALTMANN, O Deus da vida contra toda a falsidade enganosa dos ídolos da morte, in: *Lutero e Libertação: Releitura de Lutero em perspectiva latino-americana*, São Paulo: Ática, 1994, p. 45-60.

8 Martinho LUTERO, *Dos Concílios e da Igreja*, in: *Obras Selecionadas*: v. 3: Debates e Controvérsias 1, São Leopoldo/Porto Alegre: Sinodal/Concórdia, 1992.

9 Epítome – VIII. Da Pessoa de Cristo. Fórmula de Concórdia, in: *Livro de Concórdia*, p. 526. De qualquer forma, entendo que precisamos ver – se possível – a fórmula *propter Christum* do artigo IV de modo orgânico no conjunto da Confissão, da Apologia e da Fórmula de Concórdia e alguns escritos de Lutero.

10 Artigo IV: Da Justificação, Apologia da Confissão, in: *Livro de Concórdia*, p. 110, 116.

diência à lei. O Filho submeteu-se voluntariamente à lei do Pai e cumpriu a lei. A encarnação do Filho eterno do Pai aconteceu por obediência. O Senhor da lei se submeteu à lei para cumpri-la, e o Senhor da vida morreu para vencer a morte. Sua obediência no sofrimento está pontuada desde a encarnação até a morte. Desse modo, trata-se da obediência à lei, pela qual o Pai condena e mata. Portanto, não se trata de uma obediência às leis – quer no seu uso político ou didático – pois esta somente faz da pessoa um cidadão responsável e digno na sociedade, mas não faz dele um cristão, pois a obediência civil deixa o ser humano no pecado. As coisas boas que a pessoa faz – incluindo o cristão – permanecem sob a lei do pecado<sup>11</sup>.

Para a Confissão de Augsburg, é afirmada a ligação intrínseca entre obra e pessoa de Cristo. Nesse sentido, é fundamental o que a Apologia do Artigo IV, 179 diz:

a lei condena todos os homens, mas Cristo, porque sem pecado carregou a pena do pecado e se tornou vítima por nós, acabou com aquele direito da lei, para que não acuse nem condene os que nele crêem, visto ser ele mesmo a propiciação deles.

Pouco adiante, a Apologia encerra o parágrafo dizendo que “já que temos, por causa de Cristo, reconciliação certa e firme, se credes, ainda que o pecado adere à vossa carne”. Assim, observamos que a Apologia da Confissão insiste na morte vicária do Deus encarnado.

## **2 - A cristologia é definida trinitariamente**

### **2.1 - A Reforma luterana e a metafísica medieval**

A CA (leia-se também Melanchthon) tem uma preocupação muito grande em ligar a doutrina luterana aos dogmas da Igreja Antiga, em virtude das declarações desprotegidas de Lutero, que, às vezes, davam a impressão de serem antitrinitárias e subordinacionistas. Na verdade, Lutero, em alguns momentos, se opôs à interpretação especulativa filosófica da Trindade e à compreensão metafísica sobre a doutrina das duas naturezas de Jesus Cristo<sup>12</sup>. A interpretação especulativa era muito comum na tradição medieval. Encontramos, com certa frequência, comentários de Lutero questionando as fórmulas dos concílios ecumênicos da Igreja Antiga, como, por exemplo, no seu escrito “A Refutação ao Parecer de Latomus” (junho de 1521), onde

---

11 Edmund SCHLINK, op. cit., p. 123.

12 Ulrich ASENDORF, Die Trinitätslehre als integrales Problem der Theologie Martin Luthers, in: *Luther und die trinitarische Tradition*, Erlangen: Martin-Luther, 1994, p. 113-130.

Lutero expressa que sua alma odeia a palavra *homoousios* e que não quer utilizá-la<sup>13</sup>.

Em outro escrito, Lutero também aborda a dificuldade com o termo *homoousios*, porque, segundo ele, o seu sentido foi pervertido pelos hereges de todos os tempos<sup>14</sup>. Em decorrência disso, havia a suspeita de que Lutero fosse adepto do arianismo. Na verdade, do mesmo modo como Lutero, Atanásio tinha dificuldades, no início da polêmica com Ário, com o conceito *homoousios*. Entretanto, na sua crítica ao *homoousios*, Lutero reconhece que esse conceito, que o NT não conhece, foi empregado para ressaltar o testemunho da Escritura a respeito do seu centro, que é Cristo. Do mesmo modo, para Atanásio, esse conceito – inicialmente empregado por Ário – era o que melhor expressava o testemunho do NT. Também para Lutero, o uso de uma palavra estranha ao testemunho do NT somente deveria acontecer em casos de necessidade extrema, para que um conceito enfaixasse muitos outros versículos<sup>15</sup>.

Precisamos entender que Lutero se opunha à interpretação especulativa do *homoousios* e, com isso, também à Trindade imanente, ou seja, segundo ele somente é possível entender a realidade trinitária a partir da sua economia, da sua obra salvífica: encarnação e cruz<sup>16</sup>.

## 2.2 - Jesus Cristo é o fundamento da fé cristã

Constatamos que a estrutura da CA I até a CA IV é trinitária. A chave de interpretação (recepção) dos quatro primeiros concílios utilizada pela Reforma é a soteriologia, que é o agir do Deus-Filho na história concreta da humanidade. Nesse sentido, o Deus que salva é o Deus-Pai, Filho e Espírito Santo. E o Deus-Triúno é fundamentado somente na Escritura<sup>17</sup>. Lutero

---

13 Martinho LUTERO, A refutação do parecer de Látomo, in: *Obras Seleccionadas*, v. 3, p. 99-191. – Wolfgang BIENERT, Christologische und trinitätstheologische Aporien der östlichen Kirche aus der Sicht Martin Luthers, in: *Luther und die trinitarische Tradition*, Erlangen: Martin-Luther, 1994, p. 105.

14 Martinho LUTERO, Dos Concílios e da Igreja, op. cit., p. 358-62. – W. BIENERT, op. cit., p. 105-107.

15 Martinho LUTERO, op. cit., p. 359.

16 Gottfried BRAKEMEIER, *O ser humano em busca de identidade: contribuições para uma antropologia teológica*, São Leopoldo/São Paulo: Sinodal/Paulus, 2002, p. 25-48. Recomenda-se esta obra para o estudo da antropologia a partir da teologia da Reforma luterana. Observe-se que esta obra tem a cristologia da Reforma luterana como pressuposto para as considerações antropológicas e éticas nela contidas. Nesse sentido, Lutero e a CA não desenvolveram uma antropologia, uma ética ou uma eclesiologia de forma autônoma. Todos os temas são desdobramentos da cristologia econômica (soteriologia), que é o centro a partir do qual os outros temas são desenvolvidos.

17 Heinrich DENZINGER, op. cit., p. 150. – Edmund SCHLINK, *Ökumenische Dogmatik*, p. 531. A consubstancialidade entre o Pai e o Filho, proferida no Concílio Niceno-Constantinopolitano (381), diz respeito à interpenetração pericorética dos três divinos, garantindo a unidade de

quer evitar a especulação, pois o Deus que se revela é idêntico ao Deus da eternidade. Assim, Lutero ressalta o Deus concreto e o Deus por mim. A compreensão da Trindade parte do ser humano Jesus de Nazaré.

Há uma relação intrínseca entre a doutrina trinitária de Lutero e sua cristologia, pois Cristo é o Deus concreto. Ele enfatiza a Trindade econômica (o agir de Deus na história), a partir da qual vemos a Trindade imanente (as relações e a vida no interior das Pessoas da Trindade)<sup>18</sup>. Para a Reforma, a afirmação das duas naturezas de Cristo é interpretada soteriologicamente, ou seja, a cristologia e a doutrina trinitária somente podem ser interpretadas corretamente a partir da justificação. A realidade de Cristo – expressa nos concílios – é demonstrada concretamente nas suas ações salvíficas. Portanto, a doutrina trinitária é o fundamento dos escritos confessionais luteranos. Assim, a obra de Jesus Cristo não teria nenhum proveito se ele não fosse Deus, e a fé seria obra meritória se Deus não estivesse presente na pessoa do Espírito Santo.

É importante ver que Lutero aceita a tradição, mas tem liberdade de criticá-la, inclusive os concílios<sup>19</sup>. Segundo Lutero, o fundamento de toda a teologia é o Deus revelado em Jesus Cristo. A filosofia é incapaz de aceitar a encarnação, porque para a filosofia não é possível haver o encontro entre o infinito e o finito. Essa possibilidade lhe é absurda. Para Lutero, não se chega a Deus mediante a razão, mas pelo Verbo de Deus mediante a fé. O método adequado é o Deus-Homem, revelado em Jesus Cristo. Para Lutero, somente a Escritura é capaz de ser decisiva em relação às questões que dizem

---

Deus. Deste modo, o Pai e o Filho são o único Deus. Isto significa que o Pai não pode existir sem o Filho e o Filho não pode existir sem o Pai. O Filho e o Pai não se adicionam, pois assim tornariam-se dois deuses distintos. Através da comunhão na mesma natureza, o Pai e o Filho são o único Deus. Assim, a expressão consubstancial do Niceno-Constantinopolitano é um instrumento conceptual que garante esta unidade. De fato, o Credo Constantinopolitano enfatiza a diversidade do Pai e do Filho e a unidade entre a primeira e a segunda Pessoa da Trindade, garantida pela fórmula grega *homoousion to Patri*, e pela proposição latina *consubstantialem Patri*. Ao afirmar a unidade na diferença, o Concílio se posicionou contra todos os matizes de subordinacionismo, também denominado de arianismo. A doxologia constitui um aspecto fundamental do credo Niceno-Constantinopolitano ao falar da relação entre o Pai e o Filho ou quando se fala da pessoa de Jesus Cristo. Na doxologia, o ser do Pai e do Filho é explicitado. A doxologia, inclusive, coloca as matrizes da linguagem filosófica a serviço da teologia. Portanto, a doxologia não se limita ao âmbito da liturgia, mas deve estar inserida na dogmática. O Filho não é somente denominado Deus, mas ele é Deus e distinto das outras criaturas, pois foi gerado e nascido e não criado pelo Pai.

18 Isidro GARCIA TATO, En torno a la doctrina trinitaria en Lutero y su evolución en la teología protestante posterior, in: *Diálogo Ecológico*, Salamanca, n. 63, p. 20-24. 1984.

19 Leo SHEFFCZYK, Formulação magisterial e história do dogma da Trindade, in: *Mysterium Salutis*: Compêndio de Dogmática Histórico-Salvífica, 2. ed., Petrópolis: Vozes, 1978 (1971), v. II/1, p. 175.

respeito à verdade e ao erro e às disputas teológicas, enquanto a doutrina dos pais da Igreja não é confiável. A tradição tem autoridade na medida em que estiver fundamentada nas Escrituras. Nesse sentido, Lutero aceitou os primeiros quatro grandes Concílios; entretanto, os Concílios não podem ser a autoridade última para a doutrina e a vida. A Escritura é autoridade, é norma, é fonte, e os Concílios que não têm a Escritura como norma, são, segundo Lutero, “concílios de Caifás, de Pilatos, e de Herodes”<sup>20</sup>.

Afirma-se, geralmente, a ruptura de Lutero com o passado e a tradição. Esse é apenas um lado da moeda. Como observamos anteriormente, também há uma continuidade entre Lutero, a CA e os Concílios da Igreja Antiga. Também é verdade que se trata de uma continuidade crítica. Desse modo, é necessário avistar que, para ele e, especialmente, para a CA, a história não é apenas passado, mas ela também é horizonte de experiência de sua fé. Assim, os Pais da Igreja não são superados pelo novo, mas são companheiros de diálogo<sup>21</sup>.

**2.3 - Jesus Cristo é a Palavra encarnada.** A revelação de Deus sempre vem mediada pela matéria e é comunicada através da história concreta de Jesus.

A história da revelação de Deus culminou em Jesus Cristo. A auto-revelação de Deus não vem a nós em forma de uma teofania, mas ela é indireta, manifestando-se através das ambigüidades da história. No homem Jesus, está a densificação da revelação. Ele traz a Palavra de Deus na sua totalidade. Esse é o critério que julga todas as linguagens e discursos teológicos. Há uma identidade fundamental entre Jesus e a Palavra, assim como há identidade entre Jesus e Deus-Pai.

A Palavra é informação e proclamação da lei e do evangelho, que suscita vida nova. Fundamental para a compreensão de lei e evangelho é que a Palavra não deixa o ouvinte neutro diante da realidade de Deus. Esta exige aceitação, que significa vida. A rejeição à Palavra representa morte eterna. Para a CA, a dialética de lei e evangelho é fundamental para a correta compreensão da Escritura.

A Palavra mediada – que se mostra na matéria e na história, a exemplo da pessoa de Jesus, da Escritura, dos elementos constitutivos dos sacramentos – é o meio privilegiado de Deus se revelar. Nela temos os critérios

---

20 I. GARCIA TATO, *Entorno a la doctrina trinitaria en Lutero...*, p. 12-3.

21 Wolfgang BIENERT, op. cit., p. 95-112. – Walter ALTMANN, *O ofício político e a Igreja*, in: *Lutero e Libertação*, op. cit., p. 185-196.

para o discernimento espiritual, o que é fundamental para a certeza e a esperança da fé. A certeza da fé não vem do nosso coração, mas vem de fora, sempre de fora. Aqui temos a dimensão da promessa de Deus, que está colocada fora de nós mesmos. O batismo é promessa e é ação soberana de Deus. A promessa sempre é promessa de juízo e de graça.

A palavra de juízo e de graça é dada por Deus através de coisas visíveis. Deus se revela através de coisas materiais, pois assim a nossa fé e esperança não dependem da luz que vem de dentro do nosso coração. Este é pecador. A fé olha para fora do ser humano, avistando a justiça, que está fora de nós mesmos. Nesse sentido, é fundamental dizer que a nossa justiça encontra-se na cruz do Deus-Homem Jesus<sup>22</sup>. Deus fala a nós através de mediações, para que a nossa fé não esteja fundamentada nas vicissitudes do coração humano. Por isto, o batismo, por exemplo, é a palavra de Deus que está fora de nós mesmos. Na promessa, que é dada *extra nos*, vem o consolo para aquele que é provado em sua fé. Lutero diz:

Trata então de exercitar e fortalecer a fé, de modo que, quando estiveres entristecido ou quando teus pecados te oprimirem, vás ao sacramento ou ouças a missa, de modo que desejes de coração este sacramento e aquilo que ele representa, e não duvides que aquilo que o sacramento significa te sucederá<sup>23</sup>.

### **3 - Algumas reflexões sistemáticas**

Para a CA e Lutero, a doutrina da expiação é o fundamento para todos os demais temas da teologia, tanto que a teologia da cruz pressupõe o evento do sacrifício expiatório do Deus-Homem, Jesus Cristo. A cristologia na CA é fundamental para todas as demais definições antropológicas eclesiológicas, em especial a dos ministérios e da própria Igreja<sup>24</sup>. A eclesiologia luterana é construída a partir da Palavra encarnada e da cruz do *logos* eterno do Pai. A eliminação da expiação poderá levar à desestruturação da base confessional do edifício eclesiológico da teologia luterana. A identidade confessional, para a CA, cai ou se mantém em pé na medida em que a expiação permanece o ponto de partida e de convergência de todos os demais temas teológicos.

---

22 Martinho LUTERO, O Debate de Heidelberg, in: *Obras Seleccionadas*, São Leopoldo/ Porto Alegre: Sinodal/ Concórdia, 1987, v. 1, p. 35.

23 Martinho LUTERO, Um sermão sobre o venerabilíssimo sacramento do santo e verdadeiro corpo de Cristo e sobre as irmandades, in: *Obras Seleccionadas*, 1987, v. 1, p. 435.

24 Walter ALTMANN, A Igreja – Povo pobre de Deus, in: *Lutero e Libertação*, op. cit., p. 119-138; id., Sacramentos – túmulo ou berço da comunidade cristã?, in: *ibid.*, p. 139-158.

A imagem de Deus proporcionada pelo Novo Testamento fala de Jesus Cristo como aquele que sofreu fome, sede, cansaço, solidão, traição, desprezo, decepções e até a morte. O Deus eterno se torna extremamente fraco. O sofrimento de Jesus de Nazaré não foi somente o sofrimento de um Homem, mas é o Filho eterno de Deus-Pai, e os sofrimentos do Filho são também os sofrimentos do Pai, tanto que “crucificaram o Senhor da glória” (1Co 2.8), mataram “o autor da vida” (At 3.15), sem contar a passagem clássica de Fp 2.6-8<sup>25</sup>.

A *kénosis* (humilhação) foi tão radical que Jesus sofreu todos os sofrimentos, incluindo a morte e o inferno. Neste lugar, ele se auto-aclamou como o senhor dos vivos e dos mortos. Para a metafísica grega, Deus não pode sofrer, pois um Deus que sofre não é verdadeiramente Deus. É importante que, para a compreensão bíblica, o Deus de Israel não é um ser apático, distante da dor humana, mas é o Pai que sofre junto com o Filho<sup>26</sup>. Assim, a morte de cruz é a morte do *logos* eterno do Pai. Além disso, na compreensão de Lutero, Cristo é o maior pecador. Cristo é a maior pessoa (*maxima persona*) e o único pecador (*solus peccator*). Ele abarca todos os pecadores; além disso, ele foi feito o único pecador. Cristo foi submetido ao diabo, ao inferno, aos pecadores, ao mundo. Para Lutero, Cristo é uma pessoa eterna e infinita. Em virtude disso, seu sofrimento é infinito. O mesmo chegou ao seu auge no fato de ter sido abandonado pelo Pai. Para Lutero e a CA, Cristo é o maior dos pecadores, tanto que os pecados não pertencem ao crente, mas a Cristo. Lutero fala dialeticamente quando diz: “somente a natureza humana morreu”, e logo em seguida: “o filho de Deus morreu.” A morte de Jesus Cristo é diferente da morte humana, na medida em que, segundo ele, “eu morro por vocês, entretanto, a minha morte gera a vida, porque eu sou Deus e homem. A morte pode me morder e matar, mas ela não pode me deixar na morte”<sup>27</sup>. Nesse sentido, para Lutero, Cristo é o maior dos pecadores, pois

---

25 A Epítome da Fórmula de Concórdia VII,9 Da Pessoa de Cristo, p. 525, reporta-se aos textos de 1 Co 2.8 e At 20.28, afirmando: “Fomos comprados com o sangue de Deus.” Além disso, a Epítome diz: “Por isso cremos, ensinamos e confessamos que Deus é homem e o homem é Deus, o que não poderia ser se a natureza divina e humana não tivessem comunhão uma com a outra de fato e de verdade”. Epítome, Da Pessoa de Cristo, VIII, 6, Fórmula de Concórdia, in: *Livro de Concórdia*, op. cit., p. 525.

26 Neste contexto, precisamos cuidar da linguagem trinitária, que diz que o sofrimento na cruz é obra específica do Filho, mas é o Filho do Pai que sofre na cruz. Portanto, o Pai participa do sofrimento na cruz. Mas o Pai não sofreu porque tinha alguma ausência ou deficiência no seu ser, mas por compaixão que tinha pelo Filho, que assumiu o destino da humanidade. Cristo sofreu a morte em sua pessoa, e esta pessoa é Deus-Filho. Assim, o sofrimento de Cristo representou o sofrimento no coração do Pai.

27 Martin LUTHER, Kommentar zum Galaterbrief 1519, in: *Calwer Lutherausgabe*, München/Hamburg: Siebenstern, 1968, v. 10, p. 135-140.

ele foi feito pecado em nosso lugar. A radicalidade da encarnação em Lutero está de acordo com o testemunho bíblico, que diz o seguinte: “Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus” (2 Co 5.21).

A missão do Filho, sob o ponto de vista trinitário, está relacionada com a autocomunicação de Deus à criatura, a ponto de Deus estar presente no mundo. Nesse sentido, a encarnação é a missão própria do Filho. Quando Deus doa a si mesmo, estamos diante da sua encarnação. Deus saiu de sua luz inacessível, não ficou no seu mistério e onipotência eterna, mas entrou na fragilidade e nas trevas humanas. Inclusive através do Filho, que é o *logos*, o mundo foi criado. Portanto, é o Deus-Filho que se encarna. Na encarnação, Deus, em seu amor absoluto, faz-se ser humano finito, pois ele não temeu a matéria e a condição humana<sup>28</sup>.

### Conclusão

A partir das nossas reflexões, constatamos que, para Lutero e a CA, a experiência com Deus está intrinsecamente ligada à teologia da cruz, pois, caso contrário, a piedade tornar-se-ia negação da fé. No homem Jesus – o varão crucificado – vemos o rosto do Deus-Pai. Nesse sentido, a experiência de fé está colocada a partir da revelação concreta da glória de Deus na fraqueza e na cruz<sup>29</sup>.

Entendemos que, para a CA e Lutero, somente é possível falar de Deus a partir de baixo, a partir de Jesus Cristo, o crucificado, a partir da Trindade econômica<sup>30</sup>. Segundo Lutero, o verdadeiro teólogo é aquele que

---

28 O esquema subordinacionista tenta resolver o problema religioso fundamental da Antigüidade Tardia, que era a distância de Deus. Nesta época, busca-se, a exemplo de Sócrates, superar esta distância através de mediadores que sejam capazes de estabelecer o vínculo entre o tempo e a eternidade, pois ambas as dimensões são mutuamente excludentes. Todavia, esta concepção de Deus não permite que Ele se faça presente no tempo. No interior desta racionalidade, o *logos* é o “outro Deus”, subordinado ao Pai, como dizia Justino Mártir. Para os apologistas, Jesus era quase Deus, porque o *logos* se encarnou nele. Assim, o subordinacionismo afirmava que ele é a primeira criatura, enquanto o Pai, na verdade, é sem princípio. Destarte, o *logos* é a ponte divina que liga a eternidade e o tempo. Entendemos que essa posição tem um matiz subordinacionista expressivo. Portanto, na visão da teologia subordinacionista, não era possível conceber que Deus pudesse entrar no tempo com suas vicissitudes. No entanto, a morte de Jesus é um dos fatores constituintes de que ele é Deus, pois o Deus verdadeiro entra na temporalidade. De fato, o arianismo esforçou-se em evitar a possibilidade de falar da autolimitação de Deus que se concretizou na morte de Jesus como a morte do próprio Deus, pois o homem Jesus é Deus. Robert JENSON, O Deus triúno, in: *Dogmática Cristã*, v. 1, p. 133, 136, 137, 200-01.

29 Walter ALTMANN, Na cruz de Cristo vitória sobre todo o mal, in: *Lutero e Libertação*, op. cit., p. 61-76.

30 Gerhard EBELING, *O pensamento de Lutero: uma introdução*, São Leopoldo: Sinodal, 1988, p. 211-12.

reconhece Deus pelas coisas visíveis, a partir dos sofrimentos e da cruz, e não através dos atributos invisíveis do Deus eterno e imanente<sup>31</sup>. A verdadeira teologia parte da fraqueza do Cristo. Não se tem acesso ao Deus-Pai, em seu poder e na sua glória, sem que o caminho passe pelo crucificado. Segundo Lutero, o Deus imanente, que é o Deus abscondido, quer a morte do pecador, em sua vontade imperscrutável. Entretanto, segundo a palavra da cruz, em sua manifestação histórico-salvífica, Deus não quer a morte, porque ele proporciona vida eterna ao pecador<sup>32</sup>.

Deus pulveriza as tentativas humanas de estabelecer a vida eterna por esforço próprio. Desse modo, a teologia da cruz é diluída na medida em que se ignora o sacrifício expiatório de Cristo, pois a dimensão da lei e evangelho, do Deus irado e do Deus gracioso, é que proporciona densidade à cristologia. Luteranamente falando, a redenção somente pode ser apreendida na dialética de lei e evangelho, que está no horizonte da compreensão do Deus-Trindade como um Deus santo e gracioso, ou seja, cristologia não é uma construção teórica, mas é experiência de fé<sup>33</sup>.

Na encarnação, Jesus é criatura humana, mas ainda assim permanece alteridade diante de toda a criatura. Ele é irmão do ser humano, mas o encontra como o bem outro e o totalmente diferente, porque é Deus. Mesmo na sua total alteridade, ele é o Deus conosco, habita na total imanência e vive a humanidade em sua totalidade, porém sem pecado<sup>34</sup>.

Lutero e a CA tiveram o cuidado de não diluir o paradoxo do humano e do divino, da proximidade e da distância entre Deus e a criatura, da natureza humana e da natureza divina de Jesus Cristo. Do mesmo modo, é necessário manter a tensão dialética dos enunciados fundamentais da Igreja cristã, dos universais dogmáticos com os desafios culturais e religiosos de nosso tempo, sendo fiel às confissões da Igreja e fiel ao nosso tempo.

Nesse sentido, Deus se autolimita ao entrar no mundo, e a *kénosis* atinge o seu ápice na cruz de Cristo. Na criação, que marca o início da *kénosis*, temos o encontro de duas alteridades, Deus e a sua criatura. Conseqüentemente, na cruz e na humilhação do messias Jesus, vemos a presença real de Deus no mundo. Deus é o ser existente no interior do processo de sofrimento de Jesus. Portanto, o amor de Deus é o mistério do mundo e a revela-

---

31 Martinho LUTERO, O Debate de Heidelberg, in: *Obras Seleccionadas*, v. 1, p. 49-50. – Walther von LOEWENICH, *A teologia da cruz de Lutero*, São Leopoldo: Sinodal, 1988, p. 14-20.

32 M. LUTERO, Da vontade cativa, in: *Obras Seleccionadas*, v. 4, p. 101.

33 Edmund SCHLINK, Trinität: Dogmatisch, in: *Die Religion in Geschichte und Gegenwart*, 3. ed. (RGG<sup>3</sup>), Tübingen: J.C.B. Mohr, 1962, v. VI, p. 1033.

34 Epítome. Da Pessoa de Cristo, VIII, 10-14. Fórmula de Concórdia, in: *Livro de Concórdia*, op. cit., p. 525.

ção ao mundo. A partir do homem Jesus, a presença de Deus se densificou no mundo, revelando a essência da Trindade, que é o amor<sup>35</sup>.

Todavia, o amor recebe sua densidade no horizonte do juízo. O amor de Deus na cruz mostra a fraqueza de Deus e a sua mutabilidade na história humana. Exatamente nisso, Deus mostra a sua vitória e o seu poder, pois o caminho de Deus passa pelo *sub contrario*. Na pessoa do Filho Jesus Cristo, o Deus Triúno, criador e redentor do cosmos, sofre com a tragédia do mundo<sup>36</sup>. Na cruz está a expressão maior do amor de Deus, qualificado pela sua santidade e ira. Assim, a experiência de fé deriva da experiência do amor de Deus na cruz<sup>37</sup>. A fórmula “por causa de Cristo” aponta para a experiência da justificação, pois, na morte vicária do Deus-Filho, fomos aceitos de forma incondicional. A assertiva dogmática em questão está profundamente ligada à existência humana. A cristologia da Reforma não é um enunciado abstrato, mas está inserida na experiência de fé<sup>38</sup>. As mulheres e os homens da pós-modernidade, a qual setorializou as verdades universais, demonstram uma profunda carência de sentido para a vida. Até mesmo o conceito de dignidade humana deixou de ser um norte para o agir ético. Também o que era tido como sagrado deixou de sê-lo. A verdade é vista a partir da utilidade e da performatividade, e não a partir da justiça ou da autoridade<sup>39</sup>. Neste contexto, a Igreja cristã tem uma tarefa ímpar, que é a da proclamação do amor de Deus, que se fez gente e amou incondicionalmente homens e mulheres, fracos e fortes, cristãos e pagãos, desde que o “por causa de Cristo” seja recebido por meio da fé. Assim, a dignidade humana resgatada a partir de Cristo pode ser anunciada, apontando para o sentido da vida humana, incluindo a humanidade no evento salvífico de Cristo. As pessoas são convidadas a irem à Igreja para ouvir a proclamação de que o consolo para o aflito e o enlutado, a esperança para o desesperado e o perdão de pecados para o culpado são concedidos a partir da experiência desta realidade, que foi confessada assim:

---

35 Martin DREHER, A redescoberta da Teologia da Cruz de Lutero no debate com a Teologia da Libertação, *Estudos Teológicos*, v. 34, n. 2, p. 124-139, 1994.

36 Gottfried BRAKEMEIER, *O ser humano em busca de identidade...*, op. cit., p. 88-94.

37 M. LUTERO, Das Boas Obras, in: *Obras Seleccionadas*, v. 2, p. 123.

38 Este aspecto está descrito com propriedade no seguinte artigo: Martin DREHER, Reforma luterana hoje: Traduzindo as intenções do reformador para os nossos dias, in: *Reflexões em torno de Lutero*, São Leopoldo, Faculdade de Teologia da IECLB, 1981, v. 1, p. 112-120.

39 Lyotard diz: “A pergunta [...] não é mais se isso é verdade, e sim: para que isso serve? No contexto da mercantilização do conhecimento, esta pergunta significa mormente: Isso pode ser vendido? E no contexto da escalada de poder: Isso é eficiente? Jean François LYOTARD, op. cit., p. 150.

Recebemos remissão do pecado e nos tornamos justos diante de Deus pela graça, por causa de Cristo, mediante a fé, quando cremos que Cristo padeceu por nós e que por sua causa os pecados nos são perdoados e nos são dadas justiça e vida eterna<sup>40</sup>.

Euler Renato Westphal  
Rua Walli Malschitski, 164  
Caixa Postal 431  
89290-000 São Bento do Sul/SC  
erwestphal@ceteol.com.br

---

40 Artigo IV: Da Justificação, Confissão de Augsburgo, in: *Livro de Concórdia*, p. 30.